



MARCHA DOS VADIOS DE ALICE PORTO: FEMINISTOS EM MANIFESTAÇÕES FEMINISTAS

Ana Maio¹

Resumo

Este artigo analisa a série de desenhos da artista e feminista Alice Porto, intitulada *Marcha dos Vadios*. A série parte da elaboração de um arquivo de fotografias de homens nas Marchas das Vadias e reflete a diversidade de discursos sobre feminismo e a participação de *feministas* nas manifestações. A transposição de “feminista” e “vadio” para o masculino é uma apropriação irônica da artista para pensar o território da língua e da linguagem interseccionados por questões de gênero. O objetivo da artista é problematizar questões de gênero nos discursos e no contexto político das MVDs, propondo a reconquista do protagonismo discursivo nos movimentos feministas, a partir do humor.

Palavras-chave: Marcha das Vadias, gênero, arte contemporânea.


Conheci Alice no extremo sul do Brasil, na praia do Cassino, numa noite do inverno do ano de 2010, em uma exposição coletiva de que ela participava com desenhos autobiográficos, uma espécie de diário gráfico sobre questões afetivas que ela tinha dificuldade de tornar palavra.

Falar sobre a artista e feminista Alice Porto é articular dobras sobre gênero, desenho, narrativas gráficas, ficções e processos de impressão. Desenhar para Alice é começar algo, guardar, esquecer, encontrar, perder, reencontrar. Reflito: o que fazer diante do encontro com arquivos de desenhos? Alice aproxima pedaços, inventa narrativas e, dispersamente, mergulha em si. Uma dispersão que instaura um processo de atenção, erguido na poética dos seus rascunhos. Alice conecta fragmentos e cria coesões temporárias para conjuntos de desenhos de anotação. Trava um embate com um tipo de atenção espalhada horizontalmente.

O sofisma na música “Masculino e Feminino” de Pepeu Gomes (1983), as discussões diárias – presenciais e em redes sociais – acerca do conceito de gênero, os conflitos ideológicos e as rivalidades no território da linguagem motivaram Alice Porto à criação da

¹ Pós-doutorado em Estudos Artísticos Contemporâneos – Universidade de Coimbra; Pós-doutorado em Poéticas Visuais – Universidade Federal do Rio Grande do SUL, Professora Associada III – Universidade Federal do Rio Grande, anamaio@terra.com.br





série de desenhos intitulada Marcha dos Vadios. Sua proposição parte da ideia de aprofundar questões relativas a trabalhos realizados em desenho e gravura, que constituem um território de fricções entre arte e política, temática que aborda há alguns anos, em decorrência da sua atuação em coletivos feministas no estado do Rio Grande do Sul². As discussões e ações realizadas junto a estas mulheres, assim como a leitura de teorias feministas aplicadas aos campos da história da arte, da linguística e da crítica literária impulsionaram seu processo de criação. Por conseguinte, o ambiente das redes sociais, como lugar de troca, ativismo, articulação de coletivos políticos e artísticos é o espaço de construção e circulação das suas práticas poéticas.

A série de desenhos Marcha dos Vadios é um projeto de natureza coletiva, que parte de um convite endereçado às mulheres que participam, presencialmente, das marchas como ativistas ou fotógrafas ou, à distância, nos debates promovidos por estas imagens nas redes. O convite é postado numa página do Facebook³, solicitando registros fotográficos da participação de homens nos protestos da Marcha das Vadias⁴ - manifestação pública feminista que visa, principalmente, evidenciar e se opor à cultura do estupro⁵. Este trabalho vem sendo realizado desde dezembro de 2015 e atualmente é composto por 45 desenhos, sendo que ainda está em construção.

A partir da observância de fotografias das Marchas das Vadias (MDVs) que circulam nas redes sociais e registros fotográficos de sua autoria – particularmente, imagens que mostram textos escritos em placas, cartazes e pintura no corpo, além de expressão corporal dos participantes –, a artista define elementos determinantes para a articulação visual dos discursos usados nas manifestações e, por meio de processos de pós-produção, nos rerepresenta os arquivos criados e apropriados na linguagem do desenho.

Para Alice, se por um lado esses signos visuais revelam posicionamentos coletivos, por outro lado, mostram que a Marcha das Vadias é um movimento que reflete uma diversidade de discursos e o pouco conhecimento histórico da resistência das mulheres, cedendo espaço para que feministas participem das manifestações, muitas vezes, de forma cômica.


² Coletivo feminista Giamarê, de Pelotas/RS, e Coletivo de Mulheres da UFRGS, de Porto Alegre/RS.

³ Disponível em <https://www.facebook.com/serumhomemfeministo/?fref=ts>

⁴ Manifestação que ocorre em diversas cidades do país e tem origem na Slutwalk, que aconteceu pela primeira vez em Toronto, Canadá, no dia 3 de abril de 2011, e rapidamente tornou-se um fenômeno internacional.

⁵ A “cultura do estupro” é um conceito cunhado por teóricas feministas dos anos 1970 a fim de nomear a maneira através da qual a sociedade se estrutura para fins de normalizar o estupro e responsabilizar as vítimas ao invés dos agressores.





A denominação da série de desenhos – Marcha dos Vadios – aborda a histórica diferenciação de gênero nos modos de uso da língua, consolidando o território daquilo que determina o que uma mulher deve ou não deve ser. Tal determinismo também se aplica aos homens, porém, em escala incomparavelmente menor.

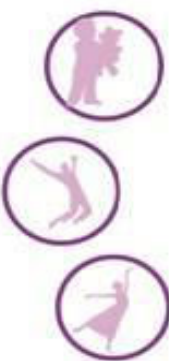
Robin Lakoff (1975), professora emérita de linguística na Universidade da Califórnia, Berkeley, no livro “Linguagem e o lugar da mulher”, de 1973, aborda a discussão sobre linguagem e gênero social no âmbito da sociolinguística, ao tratar dos modos de diferenciação da fala das mulheres em relação à dos homens; da discriminação da mulher a partir de sua linguagem e da maneira pela qual poderia haver mudanças. Em relação aos modos de fala, a ‘linguagem das mulheres’ é concebida, por Lakoff, como um estilo particular de fala aprendido durante a socialização no contexto da família. Para Lakoff, existe uma separação nítida, como se houvessem duas línguas distintas sob o mesmo nome e modos diferenciados de uso.

A autora discute o duplo preconceito relacionado à ‘linguagem das mulheres’: o de serem desacreditadas, quando assim se comportam, ou o de serem ridicularizadas, quando se recusam a falar como uma dama. Para a autora, a ‘linguagem das mulheres, com a emotividade, a hesitação, indicativas de trivialidade e incerteza, conduzem a uma fala sem poder, presente em uma fala mais forte e vigorosa, normalmente atribuída aos homens. Em relação a propostas de mudanças, Lakoff se direciona a militantes no movimento de liberação das mulheres, linguistas e professores de ensino do inglês como segunda língua. Apesar de seu estudo ser sobre a língua inglesa, é possível aqui tecer um paralelo com a língua portuguesa.

A Marcha dos Vadios problematiza a língua como componente dessa tensão histórica no debate sobre gênero – refiro-me aos textos escritos e seus suportes. Quando comecei a analisar os desenhos de Alice, chamaram-me a atenção as imagens de homens que usam o corpo como alicerce do discurso (Figura 1). O corpo carrega uma narrativa desprovida do vivido! Há uma disjunção entre o discurso e a vida das mulheres no contexto social. Entre o discurso e a cotidianidade de mulheres que são submetidas a uma diversidade de violências.

Ainda, para a artista, os discursos feministas são coletivamente construídos pelas mulheres. Portanto, quando homens que não participam, diretamente, desta construção, se apropriam destas narrativas e geram sentidos não propositais de leitura, confirmados em frases como: “Meu pau sabe onde entra”, “orgasmos para todxs”, “estupre-me” – escritas sobre o próprio corpo. Tal fato me permite aproximar esses corpos de uma vitrine de vivência do Outro. Alice percebe nisso uma confusão gerada pelo alargamento do debate sobre





feminismo, catalizada nas redes sociais⁶, que amplia o acesso às reflexões sobre o tema, no entanto, gera um desvio das questões políticas para os discursos individualistas.

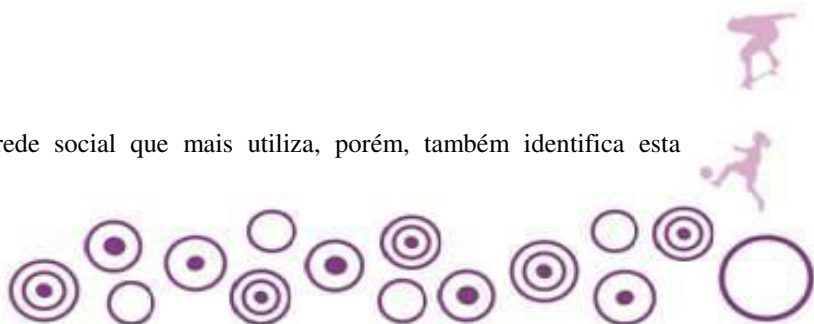



Figura 1 - Desenho da série Marcha dos Vadios.

Nesse contexto, o trabalho artístico de Alice cria agenciamentos com estas narrativas políticas tecidas no espaço das manifestações urbanas, considerando identidades, reivindicações, protagonismos, proposições e gírias. Ela adota o termo personagem para se referir aos feministas porque não tem interesse na identificação desses indivíduos, mas antes, nas imagens que desvelam comportamentos coletivos. Personagem aqui, também, alude à linguagem de narrativa gráfica que dialoga com as histórias em quadrinhos e atende ao tom de humor que caracteriza a série. A artista usa somente uma fotografia e, a partir de componentes visuais selecionados, cria narrativas em desenho que poderão ou não coincidir com fatos.

A Marcha dos Vadios também reflete a atual tendência, nas redes sociais, de pessoas construírem narrativas que projetam uma imagem estrategicamente elaborada de si, conduzindo a um fenômeno intitulado "virtue signalling" (sinalização de virtudes), que consiste na invenção de aparências. Assim, associamos a imagem dos feministas a homens bons, que se solidarizam com a luta e a resistência das mulheres no tecido social.

⁶ A artista refere-se ao Facebook por ser a rede social que mais utiliza, porém, também identifica esta problemática no twitter, instagram e Tinder.





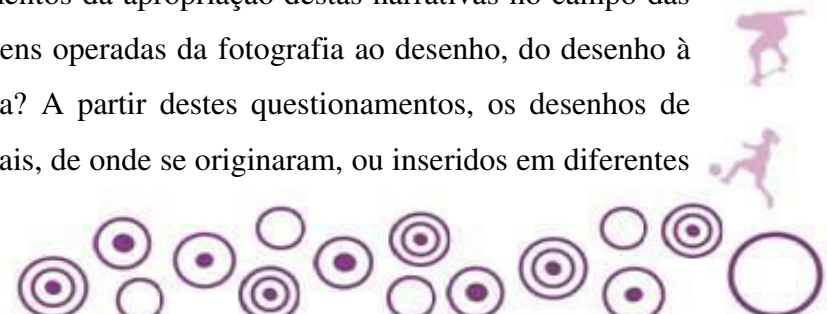
Para Alice, o Facebook é amplamente usado por sujeitos com o objetivo de exibirem textos sobre ética e temas afins, na busca por confiabilidade. Assim, os feministas se apropriam de frases extraídas das construções dos movimentos feministas, que expressam demandas da politização coletiva do cotidiano específico de mulheres, e desconsideram que o sujeito do discurso altera os usos da linguagem e da leitura. Por efeito, a participação desses sujeitos nas MDVs, muitas vezes, implica em encenações com propósitos narcisistas.


Alice Porto vincula as suas práticas artísticas a uma parcela do ativismo que utiliza o humor e a ironia para refletir sobre o modo como as identidades, na contemporaneidade, constituem narrativas ficcionais que envolvem processos de criação e inserção de autoimagem no espaço público e nas redes sociais. O seu percurso poético emerge no espaço social dessas práticas de publicização individual no instante em que atos falhos são identificados e evidenciam um contrassenso entre a ação e a intenção desses sujeitos, potência esta explorada graficamente nos trabalhos por meio da contraposição das narrativas escritas (cartazes, símbolos) e o subtexto da ação (linguagem corporal e contexto subjacente).

A circulação da série de seus desenhos nas redes sociais se aproxima à intenção do pixo – para além das imagens, Alice demarca um território e afirma a retomada do protagonismo da voz da mulher, artista e feminista. As redes sociais são o território de atravessamentos e produção de suas ficções. A artista se apropria de discursos nas fotografias de registro das Marchas da Vadias – léxico visual erguido no movimento que atravessa as ruas das diferentes cidades do país – e cria estratégias de reinvenção e rerepresentação destas narrativas. Portanto, é neste território que a artista opera passagens entre a reflexão e o humor, entre os feminismos e a arte.

Para Alice, se o território das imagens miméticas é utilizado por homens a fim de condenar a conduta de mulheres que muitas vezes desencadeiam casos extremos de humilhação, linchamento e suicídio devido à impossibilidade de essas imagens serem controladas na internet, a partir do momento em que são absorvidas nas e pelas redes sociais, então, trata-se de uma ação transgressiva utilizar esta mesma plataforma para expor limites próprios da linguagem, como a transposição de “feminista” e “vadio” para o masculino, uma apropriação debochada das restrições da língua.

Dentre os textos escritos em cartazes e os símbolos desenhados sobre a pele, o que não é dito? Quais são os possíveis deslocamentos da apropriação destas narrativas no campo das Artes Visuais? Como abordar as passagens operadas da fotografia ao desenho, do desenho à gravura e da gravura ao livro de artista? A partir destes questionamentos, os desenhos de Alice Porto são devolvidos às redes sociais, de onde se originaram, ou inseridos em diferentes





contextos cotidianos por meio de bottons, camisetas, adesivos, pôsteres e pequenos livros de bolso, interagindo novamente com a paisagem urbana, de onde foram apropriados. A publicação *Ser Um Omi Feminista*, impressa em risografia⁷ numa tiragem de 210 cópias, foi lançada na Feira Plana⁸, em São Paulo, em janeiro de 2016. É um livro de artista de pequena dimensão – em formato de sanfona – que articula quatro desenhos da série *Marcha dos Vadios* e um texto curto, paródia da música “Masculino e Feminino”, de Pepeu Gomes.

Por conseguinte, reflito: De que maneira as visualidades presentes nos registros fotográficos das manifestações feministas podem ser articuladas numa produção artística em estreito diálogo com as políticas de gênero? Que novos significados podem ser agregados a essas fotografias, a partir de um deslocamento gerado pela reelaboração das mesmas em práticas em desenho?

No caso de Alice, narrativas gráficas, desenho e processos de impressão se apresentam como elementos articuladores de fricções entre gênero e arte, num percurso criativo erguido com ações de apropriação e pós-produção de arquivos constituintes do debate sobre gênero e suas reverberações no campo do ativismo das Artes Visuais. A criação de narrativas sobre gênero e as formas de apresentação e inserção destas no contexto da arte contemporânea revelam a força que movimenta o trabalho da artista em direção a novas e feministas fronteiras.

Referências

LAKOFF, Robin. *Language and women's place*. Londres: Harper Colophon Books, 1975.

MANUAL para uso não sexista da linguagem. Elaborado pela Secretaria de Políticas para Mulheres do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf

⁷ A risografia é um processo de impressão que se situa entre o mecânico e o artesanal, entre o xerox e a serigrafia, combinando, dessa forma, alguns elementos da impressão digital (rapidez, praticidade e baixo custo) e elementos artesanais (a textura da tinta e algumas imperfeições no encaixe de cores).

⁸ A Feira Plana é um evento anual que reúne editores independentes, artistas, fotógrafos e designers desde 2012. Atualmente é a maior feira de publicações de artistas em território nacional. Mais informações em <http://www.feiraplana.org/>.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

